



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Cerca de uma hora depois de o Brasil ser informado de uma vitória histórica na Berlinale, com a conquista do Urso de Cristal por “Feito Pipa”, de Allan Deberton, o festival alemão anunciou as decisões de seu júri oficial, que asseguram posteridade para “Yellow Letters”, de İlker Çatak, um drama sobre opressão metade alemão, metade turco. Istambul é o eixo de sua epifania, ainda que seu realizador tenha nascido na capital alemã.

Coube a esta mistura de melodrama e fantasia o Urso de Ouro de 2026, entregue por um júri chefiado pelo diretor Wim Wenders, responsável por uma polêmica incontornável, que se arrastou por dez dias, depois de fazer uma declaração em que apartava rixas políticas da arte de contar histórias com imagens em movimento. As imagens da geografia turca captadas pelo berlinense İlker Çatak são de embatucar corações e mentes, ao refletir sobre as ações coercitivas de estados intolerantes.

Três anos depois de sua consagração com “A Sala dos Professores”, que concorreu ao Oscar, Çatak faz em “Yellow Letters” um tratado sobre a interferência estatal na harmonia de uma família – no caso, um clã conectado à arte e ao ensino. O casamento de Derya (Özgü Namal) e Aziz (Tansu Biçer) – ela atriz; ele, encenador – está tenso depois de os dois perderem seus empregos em decorrência de vetos governamentais. A falta de trabalho leva o casal a se mudar para Istambul. Eles e uma filha de 13 anos, Ezgi, devem redefinir seus sonhos nesse novo espaço. O problema é que o miocárdio de artistas não se dobra ao “Não” de burocratas. Logo, uma erupção reativa começa.

Além de Wenders, a comissão julgadora da Berlinale contou com a atriz sul-coreana Bae Doona; o cineasta nepalês Min Bahadur Bham; o também cineasta e arquivista indiano Shivendra Singh Dungarpur; a realizadora japonesa Hikari; o realizador americano Reinaldo Marcus Green e a produtora polonesa Ewa Puszczyńska. Esse coletivo coroou “Salvation”, do turco Emin Alper, com o Grande Prêmio do Júri, o mesmo que, no ano passado, foi dado a “O Último Azul”, do pernambucano Gabriel Mascaro (hoje na Netflix). Nesse épico taquicárdico, populações de uma vila rural ligada ao Islã lutam entre si pelo controle do território, enquanto um morador, tomado por superstições, desafia a liderança local. A ideia de que o Diabo leva um povo à prática da intolerância é uma das distorções



Yellow Letters



Feito Pipa

comportamentais que Emin desconstrói nesse filme regado de sequências de batalha febris. É uma discussão sobre a herança do ódio, tema que Wenders tocou ao comentar a campanha de “cancelamento” que sofreu desde a interpretação torta de suas palavras.

“Meu filme é uma forma de mostrar que as pessoas que sofrem não estão sozinhas”, disse Emin no palco, citando brutalidades históricas contra palestinos e iranianos. “Minha filha que vai fazer três anos vai amar esse prêmio, pois ela adora ursos”.

Coube ao próprio Wenders revelar o ganhador da láurea de direção, que coube a um bamba do videoclipe e do documentário musical, o britânico Grant Gee. Ele venceu por “Everybody Digs Bill Evans”, biopic de um ás do jazz. Esse fino trabalho, fotografado em P&B, marcou sua estreia na ficção. O que ele conta é um pedaço doloroso da vida de Evans (vivido pelo ator norueguês Anders Danielsen Lie), no momento em que um de seus colaboradores queridos morre. No calvário do luto, o pianista busca o apoio do pai, vivido por um Bill Pullman em estado de graça.

“Eu descobri Evans por uma foto e ela me levou a um de seus LPs. Nunca mais deixei de ouvi-los”, disse Gee ao Correio da Manhã.

Na seara das grandes atuações, o primeiro Urso de Prata a ser entregue foi confiado a dois gigantes do Reino Unido: Anna Calder-Marshall e Tom Courtenay. Ela tem 79 anos e

ele, 88. Os dois foram premiados por “Queen at Sea”, de Lance Hammer, fotografado pelo paulista Adolpho Velloso, um artista visual indicado ao Oscar por “Sonhos de Trem”. O filme ainda foi recompensado com o Prêmio do Júri, fortalecido tremendamente pelos enquadramentos de Velloso. Anna e Courtenay têm interpretações de doer na alma, no papel de um casal maculado pelas asperezas da velhice. A personagem de Anna tem demência avançada e sua filha (papel de Juliette Binoche) quer protegê-la de uma forma que atinge desrespeitosamente seu padrasto (Courtney).

Depois de galardoar Courtney e Anna com um troféu mais do que digno, a Berlinale fez justiça à mais aclamada atriz de origem germânica na ativa na atualidade: Sandra

Hüller. Indicada ao Oscar, em 2024, por “Anatomia de uma Queda”, ela foi laureada por “Rose”, no papel de uma mulher que se fez passar por homem, na Prússia do século XVII, para assegurar seu direito a terra. A dado ponto de sua jornada, questões de gênero se embaralham, mas seu sonho de levar uma vida digna se mantém firma.

Ao selecionar o Melhor Roteiro, Wenders & Cia. celebraram a arquitetura dramática de “Nina Roza”, uma investigação sobre o sentido da estética na contemporaneidade, escrita e dirigida por Geneviève Dulude-de Celles. Egressa de Montreal, a diretora narra a viagem de um especialista em Artes Plásticas do Canadá até a Bulgária para atestar a veracidade do trabalho de uma garotinha.

Única narrativa assumidamente definida como documental entre os 22 competidores, “Yo (Love Is A Rebellious Bird)”, de Anna Fitch e Banker White, vindo dos EUA, ganhou a láurea de Melhor Contribuição Artística por sua fusão de registros narrativos (arquivos, maquetes e depoimentos) ao resgatar a relação

de cumplicidade entre uma jovem entomologista e uma imigrante setuagenária que foram amigas apesar das diferenças culturais.

“É uma carta de amor à amizade”, disse Anna ao Correio.

Como ocorre todos os anos em Berlim, um júri paralelo foi montado para escolher o melhor longa documental da Berlinale e o eleito da vez fala sobre vício: “If Pigeons Turned to Gold”, de Pepa Lubojacki, egresso da República Tcheca. Ao longo de um período de cinco anos, a diretora documenta a vida de quatro membros de sua família, principalmente seu irmão David, que sofre de dependência em relação ao álcool e vive sem abrigo. Usando uma colagem pessoal, semelhante a um diário, Lubojacki tenta revelar as raízes da infelicidade intergeracional que se manifesta repetidamente em graves problemas de dependência.

“Vou usar o dinheiro que vem com esse prêmio para custear o alu-



Rose